

BC tenta agora reescalonar dívida de 87

Roberto Garcia
Correspondente

Washington — Depois de ter conseguido apoio internacional para reescalonamento da dívida ao Clube de Paris vencida em 1985 e 1986, o Brasil começou a sondar a receptividade dos credores para uma nova pretensão brasileira: a inclusão dos montantes que vencerão em 1987 no pacote. O pagamento de aproximadamente 1 bilhão de dólares seria espaçado dessa forma por mais de cinco anos, em vez de ser desembolsado apenas este ano. Mas tanto o presidente do Banco Central, que faz as sondagens na capital americana, quanto alguns de seus interlocutores reconhecem que será difícil obter o assentimento dos governos em um acordo com o FMI.

Quando os governos credores do Brasil concordaram, no fim do ano passado, em reescalonar a dívida do Clube de Paris sem acordo com o Fundo Monetário, deixaram claro que nem juros atrasados nem vencimentos futuros seriam incluídos. Mas nos últimos meses o Brasil perdeu grande parte de suas reservas de divisas estrangeiras. Isso torna obrigatório não só a injeção de novos recursos externos na economia brasileira, na forma de empréstimos governamentais e privados, mas também adiamento de pagamentos que deveriam vencer em 1987.

Bracher revelou as dificuldades que estava enfrentando em seu segundo dia de contatos nos Estados Unidos ao dizer que “banqueiros

preferem dar dinheiro a quem não precisa”. Apesar disso, ele manifestou esperanças de sucesso em suas gestões.

Nos encontros que teve na capital americana, o presidente do Banco Central tentou desmanchar um clima geral de incertezas a respeito da política econômica brasileira, descrevendo os esforços feitos pelo governo nos últimos dias para atacar todos os problemas que vem enfrentando, desde as tentativas para conseguir um pacto social entre empregadores e trabalhadores, até a busca de um consenso nacional a fim de limitar a inflação.

Uma das razões das preocupações em relação ao Brasil nas últimas semanas tinha sido a falta de esforços para assumir o controle da situação pelo governo. Os longos encontros que o presidente da República teve com membros da equipe econômica e a demonstração de que não abandonou o combate da inflação começaram a restabelecer a confiança internacional no governo, contudo.

Nas sondagens que tem realizado, Bracher verificou que existe disposição para colaborar para o financiamento dos programas brasileiros no novo ano, desde que políticas responsáveis continuem a ser executadas com determinação pelo governo.

Uma equipe de economistas do Banco Mundial, sob a liderança do economista Roberto Gonzalez-Cofino, foi despachada para o Brasil a fim de discutir as medidas que devem ser tomadas para acelerar o desembolso de partes de empréstimos já autorizados anteriormente por aquela instituição. A mesma equipe também examinará novos pedidos de créditos.